

A FUNDAÇÃO E OS OBJETIVOS DOS CLUBES CAIXEIRAIS NO RIO GRANDE DO SUL – 1879 a 1890 –

Paulo Cesar Borges Duarte*

RESUMO: O artigo trata da constituição dos Clubes Caixerais no Rio Grande do Sul e procura discutir se haveria uma definição identitária dos caixeiros no século XIX, que os aproximasse da classe operária.

PALAVRAS-CHAVE: Caixeiros – Associações Comerciais – Clube Caixeiral

O objetivo deste artigo é fazer alguns apontamentos sobre o surgimento dos Clubes Caixerais no Rio Grande do Sul entre os períodos de 1879 a 1890.

O artigo divide-se em duas partes. Na primeira parte, dialogou-se com a historiografia gaúcha sobre o movimento operário, a qual tem, de alguma forma, tratado da questão dos clubes caixerais. Na segunda, inventariaram-se aspectos sobre o surgimento e as finalidades desses clubes na Província de São Pedro, no período compreendido entre 1879 e 1890. Este estudo tem por intenção estimular o debate em torno de temas ligados ao mundo do trabalho no Brasil imperial.

Para tanto, analisaram-se os Clubes Caixerais como entidades mutuais, específicas de uma categoria de trabalhadores, os caixeiros.

1 A historiografia

Os historiadores, no Rio Grande do Sul e no Brasil¹, têm dado pouca atenção aos estudos sobre caixeiros e suas organizações. João Batista Marçal fez o estudo mais específico do tema no Estado. Uma obra comemorativa encomendada pelo *Sindicato dos Empregados do Comércio de Porto Alegre*.² Marçal, nesse trabalho, fez um apanhado histórico da fundação do *Clube Caixeiral*³ de Porto Alegre e trouxe algumas informações sobre as organizações de caixeiros no interior do Estado. Sua hipótese central - encontrada também em outras obras do mesmo autor - é que os caixeiros do Rio Grande do Sul serão os primeiros militantes do movimento operário gaúcho.⁴ Os Clubes, caracterizados como associações mutuais teriam sido, segundo ele, a primeira forma de organização do operariado.⁵

Esta hipótese fundamenta-se numa periodização tradicional, usada na história do movimento operário, de superação de etapas. Cada etapa equivale, segundo esse modelo, à hegemonia de uma determinada corrente ideológica. Primeiro os mutualistas, depois os socialistas, os anarquistas e por fim os comunistas.

* Pós-graduando em Mestrado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Este artigo é parte da pesquisa de dissertação intitulada: "Clube Caixeiral: O movimento pelo fechamento de portas e a construção de uma identidade coletiva". A pesquisa é financiada pelo CNPq.

¹ Para outras regiões do Brasil temos. MARTINHO, Lenira Menezes e GORENSTEIN, Riva. *Negociantes e caixeiros na Sociedade da Independência*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. Biblioteca carioca, v.4; POPONIGIS, Fabiane. *Trabalhadores e patuscos. Os caixeiros e o movimento pelo fechamento das portas no Rio de Janeiro (1850-1912)*. Dissertação de mestrado Unicamp: Campinas, 1998; Para trabalhadores caixeiros na América latina: PARKER, David. White-collar Lima, 1910-1929: commercial employees and the rise of the Peruvian middle class. *Hispanic American Historical Review*, v. 71, n.1, fev., 1992, p.47-72; GONZALES SIERRA. 1877: Los dependientes de tienda reclaman. In: *Revista Hoy es historia*. Montevideu, ano IV nº 20, 1986, pp. 53-58.

² MARÇAL, João Batista. *Comerciários, fechem as portas para descansar. A luta dos comerciários brasileiros pelo descanso semanal*. Porto Alegre: Edição do Sindicato dos Empregados do Comércio de Porto Alegre, 1997.

³ Para referir ao termo Clube Caixeiral, usaremos a expressão CC.

⁴ MARÇAL *Op.cit.*, 1997. MARÇAL, João Batista. *Os anarquistas no Rio Grande do Sul. Anotações biográficas, textos e fotos de velhos militantes da classe operária gaúcha*. Porto Alegre: EU, 1995.

⁵ MARÇAL, João Batista. *As primeiras lutas operárias no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1985.

No Rio Grande do Sul, outros trabalhos específicos sobre caixeiros não foram encontrados. Constatou-se, porém, que, de alguma forma, os pesquisadores se depararam com documentos produzidos por caixeiros. É habitual recorrer à documentação de trabalhadores do comércio, com o objetivo de fazer referência ao movimento operário.⁶

Recentemente, Adhemar Lourenço da Silva Jr. escreveu sobre associações mutuais no Rio Grande do Sul.⁷ Neste artigo, propôs outra forma de abordar a temática. Segundo o autor, o fenômeno, é não raro, pensado como efeito de construção de identidades, sejam étnicas ou de classe. De forma inversa a esta análise, o autor indagou

“sobre a intencionalidade dos agentes sociais que buscam formas de previdência na Província do Rio Grande do Sul”.⁸ Concluindo que, nesta abordagem, há necessidade de “analisar o mutualismo não como um simples efeito da constituição de identidades, mas também como um de seus condicionantes no mercado previdenciário local e, em certa medida, também no mercado identitário”.⁹

No presente artigo, os Clubes Caixerais do Rio Grande do Sul, fundados na última década do império, foram incluídos entre as entidades de socorro mútuo. No entanto, é necessário salientar que, afora a prestação de socorros, a instrução e a recreação constituíam os objetivos dos Clubes.

Para desenvolver a segunda parte deste trabalho, utilizamo-nos das seguintes fontes : atas, relatórios, estatutos do *Clube Caixeiral de Pelotas* e jornais de caixeiros, publicados em diferentes localidades do Estado¹⁰,

2 Os Clubes Caixerais no Rio Grande do Sul

Os Clubes Caixerais surgiram no cenário social do Rio Grande do Sul nos anos oitenta do século passado. Do período entre de 1879 e 1890, datam as fundações de doze Clubes : de Pelotas, Porto Alegre, Bagé, Livramento, Jaguarão, Santa Maria, Alegrete, São Gabriel, Rio Grande, Cachoeira, Uruguaiana e São Sepé.¹¹ Entre 1877 e 1889, foram identificadas cinquenta e sete associações de socorro mútuo em atividade no Estado.¹² O número de entidades de caixeiros era bastante expressivo, cerca de 21% das entidades mutuais existentes.

Em nossa pesquisa, atentou-se para a atuação destes agentes sociais na construção dos Clubes. Além disso, vemos os clubes como um condicionante da construção de identidade permitiu-nos elaborar hipótese contrária à defendida por Marçal. Para o autor, os Clubes Caixerais eram formas primitivas de organização do movimento operário e seus dirigentes eram as primeiras lideranças operárias no Rio Grande do Sul.¹³

Neste artigo, buscou-se entender a posição dos caixeiros no conjunto das lutas operárias no século passado.¹⁴ Neste sentido, a estruturação dos Clubes Caixerais, com

⁶ Por exemplo, o estudo de Eliane G. Xerri, que, para mostrar o tom propagandístico e doutrinário dos jornais operários, utiliza para isto o jornal *A Luta* do ano de 1901, órgão do Clube Caixeiral de Rio Grande. XERRI, Eliana Gasparini. *Uma incursão ao movimento operário de Rio Grande no início do século XX*. Dissertação de mestrado em História. Porto Alegre: PUC, 1996, p. 57.

⁷ SILVA Jr. Adhemar Lourenço da. “Etnia e classe no mutualismo do Rio Grande Sul (1854-1889)”. Porto Alegre: *Revista Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXV, n.2, dez.,1999, p. 147-174.

⁸ SILVA Jr., 1999:148.

⁹ SILVA Jr., 1999:174.

¹⁰ Os jornais são: *O Athleta*, do Clube Caixeiral de Porto Alegre, relativo aos anos de 1885 e 1886. *A Idéia* do Clube Caixeiral Cachoeirense de 1887 e 1888. *28 de Março*, do Clube Caixeiral de Santa Maria de 1899. *União Caixeiral* do Clube Caixeiral de Pelotas, de 1896 e 1897. Ainda: *O Caixeiro* de 1874, editado por caixeiros antes mesma da existência dos Clubes Caixerais; *O Amador* de Quaraí do ano de 1896, que não pertencia ao Clube, mas era utilizado freqüentemente por este para publicar relatórios e outros documentos.

¹¹ Dados retirados de diversas fontes pesquisadas.

¹² SILVA Jr., 1999:155.

¹³ Cf. nota 5.

¹⁴ Beatriz Ana Loner exclui da análise da classe operária os trabalhadores caixeiros, com os seguintes argumentos: “Obviamente, nestes 49 anos considerados pela pesquisa, a classe operária brasileira foi definindo e delimitando-se,

algumas nuances, visava a garantir o descanso dominical dos empregados do comércio, a previdência e a recreação dos sócios.

2.1 A resistência

A manifestação coletiva dos caixeiros antecedeu à formação dos clubes. Os jornais escritos e dirigidos por caixeiros foram publicados em Porto Alegre na década de setenta. O primeiro, do qual temos conhecimento, foi o periódico *O Social*, que circulou durante o ano de 1874.¹⁵ Neste mesmo ano surge *O Caixeiro*. Existe ainda hoje alguns exemplares deste jornal no Museu da Biblioteca Pública Pelotense, o que pode significar que, no período de sua publicação, tenha circulado em Pelotas.

Até o aparecimento do primeiro Clube, já haviam sido editados cinco jornais de caixeiros no Rio Grande do Sul. Estes foram produzidos em Porto Alegre, por um grupo restrito.¹⁶

A primeira entidade Caixeiral no Rio Grande do Sul foi o CC de Pelotas. Fundado no final do ano de 1879. Seu surgimento é consequência da movimentação de caixeiros pelo fechamento de portas do comércio aos domingos e feriados, na parte da tarde. Esta movimentação resultou em um acordo estabelecido entre comerciantes e caixeiros, que visou a atender a solicitação dos últimos. O acordo foi firmado no dia 8 de dezembro de 1879. No dia 25 de dezembro, ocorreu a fundação do CC de Pelotas.¹⁷

Os dirigentes do Clube continuaram, por muitos anos, na defesa do descanso. Em algumas vezes, insistiam para que a lei fosse cumprida. Em outras, para que fosse ampliada.

O surgimento do Clube de Pelotas foi fruto de uma ação dos empregados do comércio pela melhoria de condições de trabalho. O cumprimento da lei de fechamento exigiu uma mobilização constante do CC. O grau de intensidade das mobilizações variou em três momentos decisivos.¹⁸

A resistência, como objetivo do Clube, estava entre as normas estatutárias. Veja-se o Artigo 2º do estatuto de 1880:

ARTIGO 2º - O Clube tem por fim principal:

§ 1º Congregar os caixeiros em um grêmio de fraternidade e união.

§ 2º Pugnar pelos interesses da classe caixeiral, tendo em vista o seu engrandecimento e bem-estar.

§ 3º Tratar de todas as questões de manifesta conveniência entre caixeiros e proprietários de casas comerciais, procedendo sempre com máximo critério.

§ 4º Estabelecer um fundo de socorros ou monte-pio em favor de seus membros.

num processo contínuo. Inicialmente, pode-se considerar que ela era formada por todo o trabalhador manual, cuja sobrevivência dependesse, de forma majoritária, de seu próprio trabalho, (...) mas exclui donos de empresas e de oficinas maiores. Nessa classificação, devem entrar também os trabalhadores dedicados ao transporte e ao setor de serviços, excluindo-se apenas os trabalhadores empregados do comércio e serviços domésticos. (...) nem eles próprios se consideram - ou se comportam - como operários, tendo, pela sua própria experiência e aspirações, um comportamento mais ligado ao seu patrão, por numerosas relações desde o auxílio a contêrreos e/ou laços familiares, até a eventual parceria em negócios. LONER, Beatriz Ana. *Classe Operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937*. Tese de doutorado em sociologia UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 1999, p. 74-75.

¹⁵ MARÇAL 1997:22.

¹⁶ Os jornais eram: *O Social* (1874), *O Caixeiro* (1874), *O Colibri* (1877), *O Lábaro* (1878), *O Caixeiro* (1878). Os editores foram: *O Social* e *O Caixeiro*, Joaquim Alves Torres; *O Colibri*, Ernesto Silva; *O Lábaro*, João Moreira da Silva; e *O Caixeiro*, Azevedo Júnior. MARÇAL, 1995, p.197.

¹⁷ A lei do *Fechamento de Portas do Comércio* de Pelotas foi adicionado ao *Código de Postura Municipal*, no mês de janeiro do ano de 1880.

¹⁸ Não é do nosso interesse aqui fazer um estudo de caso mais específico sobre o *Clube Caixeiral de Pelotas*, isto será feito em outro momento. Porém, não nos resta dúvida de que as mobilizações ocorridas nos anos indicados no texto foram fundamentais para a manutenção da lei de fechamento. No ano de 1880, os caixeiros, em consequência das ações de 1879, conseguiram a aprovação da lei de fechamento no *Código de Posturas Municipal*. Em 1886, o Clube Caixeiral, juntamente com o *Grêmio de Guarda-livros*, mobilizou-se para que a lei de fechamento fosse ratificada pelo Presidente da Província. A Proclamação da República e a Constituição Estadual de cunho liberal obrigaram os caixeiros a se movimentarem. Queriam a lei de fechamento que haviam conquistado no período imperial. Nestes três momentos os caixeiros foram vitoriosos em seus objetivos.

§ 5º Manter uma biblioteca para utilidade de todos os associados.¹⁹

Havia dois outros objetivos, além da resistência, nesse primeiro estatuto da entidade: fundos de socorro e biblioteca. Na reforma de 1884, foram acrescentados recreio e instrução. Em 1891, foi incluída a busca por ocupação para os sócios. Na reforma de 1895, estava, entre os objetivos, o pagamento de funerais aos sócios efetivos. As finalidades do Clube eram as seguintes em 1895:

ARTIGO 3º

§1º - Congregar os caixeiros em um grêmio de fraternidade e união.

§2º - Pugar pelo interesse da classe Caixeiral tendo em vista seu engrandecimento e bem-estar.

§3º - Tratar de todas as questões de manifesta conveniência entre os caixeiros e proprietários de casas comerciais, procedendo sempre com máximo critério.

§4º - Distribuir socorros entre seus membros quando dele necessitarem.

§5º - Promover diversões para recreio de seus sócios, tendo em vista que não afetem os interesses do Clube a juízo da diretoria.

§6º - Manter uma biblioteca para utilização de todos os associados.

§7º - Procurar ocupação para os sócios quando desempregados.

§8º - Estabelecer cursos de instrução.

§9º - Providenciar quanto aos funerais dos sócios falecidos sem recursos.²⁰

Como se pode notar, mantiveram-se entre os objetivos do CC a resistência, incluindo-se também suas funções previdenciárias e recreativas.

O *Clube Caixeiral de Porto Alegre* foi fundado no ano de 1882. Na assembléia de fundação, fizeram-se presentes 181 caixeiros. A comissão fundadora do Grêmio era composta por empregados do comércio. Entre os idealizadores do Clube estavam indivíduos provenientes de outros setores. Eram jovens intelectuais e o comerciante Antônio Correia de Souza Peixoto.²¹

Em Porto Alegre, o movimento pelo descanso dominical dos caixeiros remonta ao ano de 1874, quando foi publicado o periódico *O Social*. A lei de fechamento foi aprovada no *Código de Postura Municipal* de Porto Alegre em 1883. O Presidente do CC, Ernesto Silva, foi o autor do projeto lei encaminhado à Câmara Municipal.

Em anos posteriores, invariavelmente, a questão do fechamento voltou à baila através do órgão de imprensa do CC, no jornal *O Atleta*. Um exemplo é a crítica feita ao comerciante e vice presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre, Domingos de Souza Brito:

*Fomos informados que o Sr. Vereador Domingos de Souza Brito, atual vice-presidente da Câmara Municipal, tem protegido alguns comerciantes, obstando que os fiscais cumpram com seu dever relativamente à postura que determina o fechamento das casas de negócio aos domingos.*²²

Em outro momento, a falta de fiscalização da postura por parte do Poder Público levou os caixeiros a formar uma comissão de diretores do Clube, os quais deviam se dirigir aos distritos da cidade para verificar se a fiscalização fazia cumprir a postura sobre o fechamento de portas.

O CC de Porto Alegre tinha como objetivos a resistência, a instrução, a recreação e a prestação de socorros financeiros e pecuniários aos associados.

No ano de 1884, já existiam quatro Clubes Caixeirais no Estado, tendo como objetivo básico a conquista do descanso dominical. O CC de Livramento teve sua fundação no dia 8 de julho de 1883, na presença de trinta e quatro caixeiros. Dois meses depois, os caixeiros de Livramento adquiriam o direito ao fechamento das portas aos domingos. Nos primeiros tempos após a fundação, criou-se uma biblioteca, o que demonstra que as finalidades do Clube eram

¹⁹ *ESTATUTOS DO CLUBE CAIXEIRAL DA CIDADE DE PELOTAS*. Aprovados em sessão de assembléia geral a 24 de outubro de 1880. Tipografia da Livraria Americana de Carlos Pinto & Cia, 1880, p.1.

²⁰ *ESTATUTOS DO CLUBE CAIXEIRAL DE PELOTAS*. Aprovados em sessão de assembléia geral de 21 e 28 de julho de 1895. Oficina a vapor da livraria Americana de Carlos Pinto & Cia, 1895, p.1-2.

²¹ MARÇAL 1997:21-25.

²² O ATLETA, Porto Alegre, 31 de maio de 1885.

igualmente a resistência, assistência e instrução.²³ Com semelhantes objetivos, existiu também o Clube Caixeiral de Bagé, fundado em 1883.²⁴

2.2 O CC de Porto Alegre e a mobilização no interior da Província

Os diretores do CC de Porto Alegre e seu órgão de imprensa *O Atleta* serão agentes impulsionadores da idéia de construção de Clubes Caixeirais, servindo de modelo para a organização de entidades no interior da Província.

Em nota publicada n' *O Atleta*, os diretores do recém fundado CC de São Gabriel solicitavam a colaboração dos membros do CC de Porto Alegre, para a criação de uma biblioteca. Os redatores do jornal responderam: "*há muito que enviamo-nos o nosso modesto órgão aquela associação e agora faremos com maior interesse pondo a sua disposição as colunas do Atleta, sempre solicitado na defesa das causas justas e grandiosas*".²⁵

Os caixeiros de São Gabriel divulgavam, com freqüência, as atividades do Clube gabrielense n' *O Atleta*. Em uma das oportunidades em que isto ocorreu, ficou evidente a influência do Clube de Porto Alegre sobre o primeiro. Foram realizadas palestras literárias em São Gabriel, por influência das palestras domingueiras ocorridas em Porto Alegre.

Outra influência era na movimentação pelo fechamento de portas: "*Antes, porém de serem elas um fato (as palestras literárias), foi mister que se conseguisse o fechamento de portas e assim como ali, lutaram com grande dificuldades para levá-lo a efeito*".²⁶

O Clube de Santa Maria foi fundado sob influência direta do Clube de Porto Alegre. No discurso de posse, o presidente eleito Herculano dos Santos mostrou os fins da associação. Afirmando ter procurado exemplos em outras associações para corroborar as suas palavras, dando como fãnal, guia e modelo a seguir o *Clube Caixeiral de Porto Alegre*:

*Que, a despeito de mil embaraços, óbices e perseguições tudo conseguiu, tudo venceu, tornando em realidade seu o desideratum, na ocasião de sua fundação; conseguindo que o comércio de Porto Alegre aceitasse como lei aquilo que o mesmo clube determinou em suas sessões que devia conceder-lhe o mesmo comércio.*²⁷

Nesta solenidade de posse, estavam presentes Estevão Sarret, presidente do CC de São Gabriel, e Ernesto Silva, presidente do CC de Porto Alegre. A presença de membros de um Clube em solenidade oficial de outros Clubes se fazia de duas formas.

A maneira mais habitual e barata era utilizar, como representante, sócios correspondentes. Esta categoria de sócios possibilitava, ao caixeiro afastado da cidade, manter vínculos com o Clube como sócio correspondente. Outra maneira era a presença de um representante da diretoria de um Clube em sessões de posse de diretoria de outro Clube.

Este foi o caso de Miguel Arcanjo Vieira, sócio fundador e presidente do *Clube Caixeiral de Pelotas* em 1884.²⁸ No ano de 1893, tornou-se sócio correspondente da entidade, pois, foi residir em Uruguaiana.²⁹ Em 1902, representou o *Clube Caixeiral de Pelotas* na sessão de posse da diretoria do Clube de Uruguaiana.³⁰

Na solenidade de fundação do CC de Santa Maria ocorreu as duas formas de representação. O comerciante Ramiro de Oliveira foi o representante local do CC de Porto Alegre. Além dele, participou da sessão de posse, Ernesto Silva, presidente da entidade porto-alegrense.³¹, mostrando assim a importância conferida à fundação do CC santa-mariense.

²³ MARÇAL, 1997:44 –45.

²⁴ *CLUBE CAIXEIRAL DE PELOTAS*. Relatório apresentado à assembléia geral de 25 de dezembro de 1898.

²⁵ *O ATLETA*, Porto Alegre, 28 de junho de 1885.

²⁶ *O ATLETA*, Porto Alegre, 6 de agosto de 1885.

²⁷ *O ATLETA*, Porto Alegre, 11 de abril de 1886.

²⁸ *ANAIS DO CLUBE CAIXEIRAL DE PELOTAS*. Publicado por ocasião do seu cinquentenário em 25 de dezembro de 1929. Livraria do Globo, 1929, p. 23.

²⁹ *RELATÓRIO DO CLUBE CAIXEIRAL DE PELOTAS* de 1893. Apresentado em sessão de assembléia geral de 25 de dezembro de 1893. Livrarias Universal de Echenique & Irmãos. Pelotas e Porto Alegre, 1894, p 12.

³⁰ *RELATÓRIO DO CLUBE CAIXEIRAL DE PELOTAS* de 1902. Apresentado em sessão de assembléia geral de 11 de janeiro de 1903. Oficinas da Livraria Comercial Pelotas, 1903, p.21.

³¹ *O ATLETA*, Porto Alegre, 11 de abril de 1886.

Chama-nos a atenção o fato do representante do Clube de Porto Alegre ser um comerciante, evidenciando, mais uma vez, a complexidade das relações estabelecidas entre comerciantes e caixeiros.

O CC de Pelotas desenvolveu em seus estatutos mecanismos que proibiam a participação de comerciantes nas decisões ou assumissem cargos de direção no grêmio.³² Do mesmo modo, não usufruíam do direito a socorros.³³

A animosidade dos caixeiros, porém, não era contra todos os comerciantes. Muitos, inclusive, tornavam-se sócios honorários e beneméritos dos Clubes. No caso de Pelotas, os caixeiros se aproximavam dos membros do alto comércio. Seus principais opositores eram os comerciantes de secos e molhados ou do pequeno comércio varejista.

Em Porto Alegre, a participação do comerciante Antônio Correia de Souza Peixoto no movimento pelo fechamento de portas garantiu-lhe o respeito entre os caixeiros sócios do Clube. A morte deste comerciante em 1885 foi recebida com grande pesar pelos membros do Caixeiral. As homenagens fúnebres tiveram cobertura do jornal *O Atleta*, que se manifestou sobre sua importância para os empregados do comércio:

*Mas nós, caixeiros, tínhamos motivos particulares para consagrar-lhe um grande afeto, um pleito sincero de veneração e respeito. Quanto à classe em geral, pois que o clube desde cedo a sua fundação, teve em Correia Peixoto o mais leal adepto, o mais dedicado propugnador. Entre outros serviços importantes, especializamos a lei de fechamento de portas, que conseguimos por seu intermédio, pelo que lhe foi conferido o título de sócio benemérito.*³⁴

Em Santa Maria, ao contrário de Pelotas, foi permitida a participação de comerciantes nos cargos de diretores do Clube. O mesmo comerciante que representou o CC de Porto Alegre na fundação do *Clube Caixeiral de Santa Maria*, tornou-se presidente deste em 1887, conforme informações impressas no jornal *A Idéia*, órgão do Clube Caixeiral cachoeirense.³⁵ O Clube cachoeirense, por sua vez, era comandado pelo comerciante Sebastião Salgado.³⁶

No relatório do CC de São Gabriel, transcrito para *O Atleta*, o presidente Estevão Sarret lamentou a falta de comerciantes defendendo a causa dos caixeiros. Mostrou, também, conhecimento da realidade de outras localidades.

A nossa classe nessa hospitaleira terra, se acha ainda muito tolhida em sua liberdade, porem não desacorçoaremos, unamo-nos e trabalhamos. Se não temos aventura de contar na nossa vanguarda um homem verdadeiramente desinteressado e patriótico como foi Antônio Correia de Souza Peixoto, negociante, cujo o passamento os nossos colegas de Porto Alegre prateiam; se não nos impele a luta, compatriotas como Condeixa de Pelotas, Cesar do Rio Grande, Marcínio Leitão, de Jaguarão, resta-nos, ao menos, o nosso (sic!) amor a causa que professamos.

³² Capítulo XIV. Disposições Gerais. Artigo 109: “O sócio que de caixeiro passar a proprietário de casa comercial, ou mudar de classe, com exceção do fundador, não poderá ser votado; se, porém, pertencer a diretoria será conservado até que finde o seu mandato passando a contribuinte se assim desejar.” *ESTATUTOS DO CLUBE CAIXEIRAL DE PELOTAS*. Aprovados em sessão de assembléia geral de 21 e 28 de julho de 1895. Oficinas a vapor da livraria Americana de Carlos Pinto & Cia, 1895, p.19.

³³ Artigo 25 - Os sócios honorários, contribuintes e contribuintes remidos têm direito ao determinado no incisos 4º e 5º do artigo anterior. Artigo 24: “Constitui direito dos sócios efetivos quando em dia com a tesouraria. § 4º - Assistir os festejos oficiais que se proporcionarem. § 5º - Utilizar a biblioteca. Portanto, ficam fora dos direitos que constam no incisos 1º, 2º e 3º do mesmo artigo, que são: “§ 1º Votar e ser votado. § 2º Tomar parte nas questões que interessam à prosperidade do Clube. § 3º Receber os socorros estabelecidos quando enfermos ou desempregados.” *ESTATUTOS DO CLUBE CAIXEIRAL DE PELOTAS*, 1895, p. 4 e 5.

³⁴ *O ATLETA*, Porto Alegre, 19 de abril de 1885.

³⁵ Esteve nesta cidade e regressou anteontem para Santa Maria o nosso conterrâneo Ramiro de Oliveira negociante daquela praça e digno presidente do *Clube Caixeiral de Santa Maria*. *A IDÉIA*, Cachoeira, 3 de maio de 1887.

³⁶ Na casa comercial do nosso companheiro Sebastião Salgado, digno Presidente do Clube, acha-se desde já aberta a inscrição das pessoas que se quiserem considerar sócias para camarote ou cadeiras, visto que a diretoria do grêmio dramático resolveu não passar mais bilhete de porta em porta, como tem se feito até aqui. *A IDÉIA*, Cachoeira, 5 de julho de 1887.

*Mas, é impossível que o honrado corpo comercial de São Gabriel, dirigindo-lhe um apelo de tanta justiça, deixe de proceder, como procedeu os da citadas praças.*³⁷

Desta forma, pode-se afirmar que existiam Clubes que não admitiam comerciantes como diretores e clubes que os admitiam. De qualquer maneira, em ambos os casos, há presença de comerciantes próximos às direções. Em geral, ganhavam notoriedade por defender o fechamento de portas e buscar o apoio de seus colegas patrões. No entanto, sem exceção, todos os clubes proclamavam-se defensores dos interesses dos caixeiros. Faziam-no com maior ou menor êxito, dependendo de fatores locais.³⁸

Além de ser presidida por um comerciante, a entidade de Santa Maria apresentou outra peculiaridade, pois se propunha defender caixeiros e artistas.

*No longo espaço de tempo que aqui vivemos, não tivemos ainda a ocasião de ver uma só reunião cuja o fim fosse aquele a que se propõem os caixeiros e artistas desta cidade. E seu alvo, fundar uma escola para os seus associados, criar uma biblioteca e proteger os sócios desvalidos, doentes e desempregados.*³⁹

Estes objetivos, sintetizados pelas palavras *proteger e instruir*, foram apontados no jornal *O Atleta* como elemento de identificação dos Clubes que emergiam em diferentes localidades do Estado:

Há de ser lido na primeira sessão de diretoria um ofício do novo clube instalado a 29 de junho na cidade de Rio Grande.

Há poucos dias, publicamos um bem elaborado artigo de um nosso inteligente colega, em que dava aos caixeiros de Porto Alegre esta grata notícia e saudava com entusiasmo os brilhantes paladinos de nossa causa que se levantaram também naquela cidade, criando uma associação irmã, com idênticos fins, escudados na grandiosa divisa: Proteger e instruir. (...)

Felizmente, em todos os pontos da Província, a nossa classe ergue-se altiva, desfaldando o estandarte sacrossanto da fraternidade e fundando núcleos de beneficência e instrução, que se impõem à estima pública, pelos seus atos humanitários e dignos da mais decidida de proteção por parte daqueles que amam a congregação social.

*Em Pelotas, São Gabriel, Bagé, nessa capital, e ultimamente no Rio Grande, a mocidade do comércio uniu-se num amplexo fraternal e constituiu-se em associações, que dão constantemente os mais belos exemplos de amor a causa comum, auxiliando-se mutuamente e obedecendo à sagrada divisa: todos por um, um por todos.*⁴⁰

As informações do interior e de outras Províncias, sobre as questões pertinentes aos caixeiros, circulavam nas páginas do jornal. Os redatores d'*O Atleta*, com isso, capacitavam-se a escreverem artigos elaborados a partir da síntese destes dados. Vejamos um exemplo:

A revolta pacífica e moralizadora tem dado os mais fecundos resultados, em todos os pontos do império, em que a comunhão dos caixeiros representa um poderoso elemento de prosperidade e engrandecimento de nosso belo país. Aí estão os exemplos:

Em quase todas as províncias a mocidade do comércio se congrega e funda associações propriamente suas, conseguindo em seguida a mais justa aspiração do caixeiro – um dia de semana consagrado ao descanso.

Nesta Província, especialmente o movimento progressista tem atingido o mais alto grau. Nas três cidades principais, Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande existem

³⁷ No caso de Condeixa, referia-se ao comerciante Antônio Condeixa que apoiou em Pelotas a mobilização dos caixeiros para o fechamento de portas. De Antônio Correia de Souza Peixoto, já falamos acima. *O ATLETA*, Porto Alegre, 25 de abril de 1887.

³⁸ O CC de Cachoeira, por exemplo, a valer-se pela sua movimentação de sócios, desempenhava um papel mais recreativo que mutual. Vejamos: Na movimentação de sócios do ano de 1888, encontrava-se nesta condição 168 pessoas, divididas nas seguintes categorias: beneméritos 5, honorários 83, efetivos 23, contribuintes 32, correspondentes 25. Portanto, de 168 apenas 23 tinham direitos a socorros. *A IDÉIA*, Cachoeira, 18 de dezembro de 1888.

³⁹ *O ATLETA*, Porto Alegre, 11 de abril de 1886.

⁴⁰ *O ATLETA*, Porto Alegre, 23 de agosto de 1885.

*núcleos já bastante adiantados, que têm prestado importantes serviços aos seus agremiados. Em São Gabriel e Livramento também as duas associações de caixeiros têm conseguido mais do que deveria esperar-se em vista dos poucos recursos com que podem contar.*⁴¹

O esboço do contexto sobre a movimentação de caixeiros no país e o mapeamento dos Clubes no Estado mostrou a eficácia do jornal como instrumento de comunicação e divulgação de interesses dos trabalhadores caixeiros.

Os diretores dos CCs eram militantes de uma causa específica ligada à sua corporação profissional: proteger e instruir caixeiros.

No sentido mais amplo, proteger significou garantir melhorias nas condições de trabalho dos caixeiros e ações previdenciárias. A previdência era característica básica das associações mútuas existentes no período. As atividades de cunho sócio-culturais, com suas sessões solenes, a biblioteca, as palestras literárias, o grupo teatral, entre outras, bem como ações propriamente educativas, como as aulas de língua estrangeira e os cursos de escrituração mercantil.

No Clube de São Gabriel, os objetivos eram instrução e recreação. No caso do Clube de Pelotas, os seus estatutos explicitavam o caráter mutual e recreativo. Neste caso, porém, houve uma vantagem documental. Dos cinco estatutos reformados pelo Clube, teve-se acesso a quatro, possibilitando-se perceber as modificações em relação às finalidades do Clube.

3 Conclusão

As lideranças caixeiras militavam em prol dos interesses específicos desta categoria profissional. Os discursos por eles professados visavam ao descanso dominical e à constituição de entidades de caráter mutual, para o engrandecimento da categoria e o bem-estar de seus membros. Em momento algum, nos jornais pesquisados, encontramos matérias mais genéricas sobre a situação operária ou assuntos que ligassem os caixeiros ao movimento operário. As lideranças operárias não ocupavam espaços nos jornais de caixeiros. Sua linha editorial, portanto, era pautada por interesses desta categoria específica.

A aproximação dos caixeiros aos comerciantes foi relevante para este distanciamento entre as suas lideranças e as lideranças operárias. Isso se devia, principalmente, a que os caixeiros se entendiam como pertencentes a um setor comercial.

Tinham, no entanto, consciência de que eram empregados e como tal deviam unir-se. Este é o sentido da frase *“um por todos e todos por um”*. Porém, como membros do corpo comercial, dividiam interesses comuns com seus patrões. Ou seja, as ações das lideranças caixeiras eram pautadas não pelo debate em torno de questões de interesse do operariado, mas sim pela busca da ascensão sócio-profissional destes trabalhadores em atividades comerciais e mercantis.

Expressando-se de forma mais clara, dentro deste corpo comercial, nem todos os comerciantes eram considerados aliados. As realidades conjunturais locais serão decisivas no arranjo político da ação dos caixeiros. Aliados eram aqueles que apoiavam o movimento de fechamento de portas do comércio e contribuía de diferentes formas com o Clube, muitas vezes ganhando em troca título de sócio benemérito.

Somente no caso de Santa Maria, congregavam-se, ao Clube, artistas. Nos outros, os objetivos de beneficência e instrução eram direcionados aos empregados do comércio, estendendo-se, por vezes, a outros membros do corpo comercial ou mercantil. Excluíram-se, porém, os trabalhadores manuais.

Fontes documentais:

Jornais de caixeiros

A IDÉIA, Cachoeira. 1887-1888.

O ATLETA, Porto Alegre. 1885-1886.

⁴¹ *O ATLETA*, Porto Alegre, 8 de agosto de 1886.

Outros documentos

ANAIS DO CLUBE CAIXEIRAL DE PELOTAS. Publicado por ocasião do seu cinquentenário em 25 de dezembro de 1929. Livraria do Globo, 1929.

ESTATUTOS DO CLUBE CAIXEIRAL DA CIDADE DE PELOTAS. Aprovados em sessão de assembléia geral a 24 de outubro de 1880. Tipografia da Livraria Americana de Carlos Pinto & Cia, 1880.

ESTATUTOS DO CLUBE CAIXEIRAL DE PELOTAS. Aprovados em sessão assembléia geral de 21 e 28 de julho de 1895. Oficina a vapor da livraria Americana de Carlos Pinto & Cia, 1895.

RELATÓRIO DO CLUBE CAIXEIRAL DE PELOTAS de 1893. Apresentado em sessão de assembléia geral de 25 de dezembro de 1893. Livrarias Universal de Echenique & Irmãos. Pelotas e Porto Alegre, 1894.

RELATÓRIO DO CLUBE CAIXEIRAL DE PELOTAS de 1902. Apresentado em sessão de assembléia geral de 11 de janeiro de 1903. Oficinas da Livraria Comercial Pelotas, 1903.

RELATÓRIOS CLUBE CAIXEIRAL DE PELOTAS. Relatório apresentado a assembléia geral 25 de 25 de dezembro de 1898.

Referências bibliográficas

GONZALES SIERRA. 1877: "Los dependientes de tienda reclaman". In: *Revista Hoy es historia. Montevideú*, ano IV nº 20, 1986, pp. 53-58.

LONER, Beatriz Ana. *Classe Operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937.* Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do grau de doutor. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

MARÇAL, João Batista. *As primeiras lutas operárias no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Globo, 1985.

MARÇAL, João Batista. *Comerciários, fechem as portas para descansar. A luta dos comerciários brasileiros pelo descanso semanal.* Porto Alegre: Edição do Sindicato dos Empregados do Comércio de Porto Alegre, 1997.

MARÇAL, João Batista. *Os anarquistas no Rio Grande do Sul. Anotações biográficas, textos e fotos de velhos militantes da classe operária gaúcha.* Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1995.

MARTINHO, Lenira Menezes e GORENSTEIN, Riva. *Negociantes e caixeiros na Sociedade da Independência.* Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. Biblioteca Carioca, v.4.

PARKER, David. White-collar Lima, 1910-1929: commercial employees and the rise of the Peruvian middle class. *Hispanic American Historical Review*, v. 71, n.1, fev. 1992, p.47-72.

POPONIGIS, Fabiane. *Trabalhadores e patuscos. Os caixeiros e o movimento pelo fechamento das portas no Rio de Janeiro (1850-1912).* Dissertação de Mestrado, Campinas: Unicamp, 1998.

SILVA Jr. Adhemar Lourenço da. "Etnia e classe no mutualismo do Rio Grande Sul (1854-1889)". Porto Alegre: *Revista Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXV, n.2, dez.1999, p. 147-174.

XERRI, Eliana Gasparini. *Uma incursão ao movimento operário de Rio Grande no início do século XX.* Dissertação de Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica. Porto Alegre: PUC, 1996.

ABSTRACT: The article is about the people of Caixerai Club and it tries to discuss if it could have a common identity between caixeiros and working class in XIX century.

KEY-WORDS: "Caixeiros" – Commercial Employee Associations – Club Caixerai.